

XIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

1. A vida humana tem inúmeros mistérios que são muitas vezes inexplicáveis.

Desses mistérios fazem parte o sofrimento e a morte. Durante milénios, o sofrimento e a morte foram considerados castigos de Deus.

No Livro dos Génesis associam-se estas realidades à desobediência de Adão e Eva. Repare-se que é uma linguagem metafórica para pessoas que ainda não tinham conhecimentos científicos para explicar os limites humanos.

Deus, que é Pai, não pode nunca castigar, sobretudo com consequências tão violentas para o género humano. O sofrimento e a morte têm outras explicações.

É para explicar o seu mistério que a Igreja nos oferece os textos da liturgia de hoje.

2. O Livro da Sabedoria começa por afirmar que Deus não fez a morte, uma vez que de Deus só podem vir obras boas (primeira leitura).

Jesus revela-Se constantemente como o Senhor da vida e da morte.

3. O Evangelho deste domingo refere dois milagres extraordinários e ambos concedidos a estrangeiros. Vejamos o primeiro: Jairo, que era um centurião romano, pede a Jesus a cura da filha; o segundo: uma mulher desconhecida quer ao menos tocar na fímbria da túnica de Jesus. E ambos são recompensados na sua fé: a filha de Jairo ressuscita e a mulher do fluxo de sangue fica curada (Evangelho).

4. Não esqueçamos uma nota muito bonita nesta liturgia da Palavra: é a universalidade dos gestos de Jesus, referida por São Paulo ao pedir a generosidade a todos os cristãos (segunda leitura).

O MISTÉRIO DA MORTE

5. A morte é um acontecimento que a todos atinge. Ninguém tem dúvidas quanto a isto. Na leitura do Livro do Génesis, ela aparece como um castigo de Deus para Adão e Eva, que tinham comido da árvore da vida, desobedecendo a Deus. Esta interpretação é, contudo, apenas a explicação rudimentar para um fenómeno que os povos primitivos ainda não sabiam entender.

Ora, a morte é apenas um limite humano, nunca é querida por Deus, porque Deus é Pai e não pode querer a morte de um filho. O Livro da Sabedoria veio dizer-nos isto mesmo: que Deus é bom e que em tudo faz sempre bem. A morte entrou na história humana simplesmente porque a vida humana é finita. Luta-se para que ela chegue tarde, mas virá um dia como o último dos limites e, nessa hora, Deus estará a acolher, a receber amorosamente o homem decaído que deixa de viver neste mundo para continuar numa vida feliz para sempre.

A CURA E A RESSURREIÇÃO

6. Os milagres de Jesus são o sinal da sua divindade.

Quando os discípulos de João Baptista lhe foram perguntar que sinais dava de que era o Messias, Jesus respondeu: “Ide dizer a João o que vistes e ouvistes, os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os mortos ressuscitam.” (Mt 11,4)

São perto de meia centena os milagres descritos nos evangelhos.

Neste dia, a liturgia privilegia dois gestos muito especiais.

- Jairo pede a cura da filha, mas Jesus, deixando passar o tempo, tem notícia da sua morte. Então, vai a casa de Jairo e ressuscita a menina.

- Outro gesto: uma mulher desconhecida, pela sua doença, tem vergonha de pedir. Limita-se a tocar na fímbria do manto de Jesus, e Ele cura-a do fluxo de sangue.

7. Nos dois casos, os milagres de Jesus são resposta à fé daqueles que pedem. Hoje, continua a ser assim. Jesus conclui quase sempre o seu gesto de amor com a frase cheia de amor: vai, a tua fé salvou-te!

À semelhança da mulher enferma, podemos e devemos tocar em Jesus, não à maneira daquela doente mas com a nossa fé viva. Tantas vezes O tocamos e abraçamos quando O comungamos; e com que fé o fazemos? O Senhor responderá, certamente, como fez com Jairo e com a mulher que O procuraram e foram atendidos.

A UNIVERSALIDADE DO DOM

8. São Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios, indica a vida de Cristo como testemunho a seguir. Elogia a caridade e a generosidade dos crentes daquela comunidade que entendeu a importância dos pobres na exigência de vida de cada um, no caminho da perfeição.

Também Jesus se fez pobre para todos e também o cristão deve ser generoso para com os pobres sem distinção. Depois, como consequência, também os pobres irão servir aqueles que, perante as suas dificuldades, foram generosos.

À universalidade vivida por Cristo no serviço aos outros corresponde a generosidade da caridade vivida por todos os cristãos.

A todos os amigos e amigas, os meus votos de um santo domingo.

António Costa Pires

P.S. Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.